

[H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta Vol. I*, ed. original de 1888, p. 280]

... nem a Hoste coletiva (Demiurgos), nem qualquer dos poderes atuantes individualmente, são objetos adequados para honras ou adoração divinas. Porém, todos têm direito à reverência agradecida da Humanidade, e o homem deve sempre se esforçar para ajudar a evolução divina das *Ideias*, tornando-se, na medida do possível, *um colaborador da natureza* na tarefa cíclica. Somente o eternamente incognoscível e inconhecível *Kāraṇa*, a Causa *Sem Causa* de todas as causas, deve ter seu santuário e altar no solo sagrado e intocado de nosso coração — invisível, intangível, não mencionado, exceto através da “voz suave” de nossa consciência espiritual. Aqueles que o adoram devem fazê-lo no silêncio e na solidão santificada de suas Almas; tornando seu espírito o único mediador entre eles e o *Espírito Universal*, suas boas ações os únicos sacerdotes e suas intenções pecaminosas as únicas vítimas sacrificiais visíveis e objetivas à *Presença*.

\*\*\*\*\*

[Gottfried de Purucker, *Esoteric Tradition, Vol. I*, p. 20-21]

Qual é a origem da palavra “religião”? — porque a busca por raízes etimológicas muitas vezes lança uma luz brilhante sobre o funcionamento da consciência humana. É comum entre os europeus modernos derivar a palavra “religião” do verbo latino que significa “ligar de volta” ou “prender” — *religare*. Mas há outra derivação, talvez melhor, que é a escolhida por Cícero, o grande estadista, poeta e filósofo romano; e, sendo ele próprio romano e erudito, tinha sem dúvida um conhecimento mais profundo da sua língua nativa e das suas subtilezas de significado do que mesmo o mais capaz dos estudiosos de hoje. Essa outra derivação vem de uma raiz latina que significa selecionar, escolher, da qual, aliás, vem a palavra *lex* — “lei”, aquele curso de conduta ou regra de ação que é escolhido como o melhor e, portanto, seguido: em outras palavras, aquela regra de ação que é a melhor de seu tipo, conforme determinado pela seleção, pela experiência e pela prova. Essa é uma ideia tipicamente científica, mesmo nos dias de hoje.

Em seu livro *Sobre a Natureza dos Deuses*, falando pela boca do eminente filósofo Quintus Lucilius Balbus, da escola estoica, durante uma discussão sobre filosofia e religião na casa do amigo de Cícero, Cotta, Cícero escreve o seguinte:

“Não vê, portanto, como a partir das produções da Natureza e das invenções benéficas dos homens surgiram divindades imaginárias e falsas; e que estas se tornaram a base de opiniões erradas, erros perniciosos e superstições miseráveis? Sabemos, no que diz respeito aos deuses, como as suas diferentes formas alegadas, as suas idades, vestuário, ornamentos, famílias, casamentos, ligações e tudo o que lhes diz respeito seguem exemplos da fraqueza humana e são representados com paixões humanas. De acordo com a história das fábulas, os deuses tiveram guerras e lutas, governados pela dor, pela luxúria e pela ira, e isso não apenas, como diz Homero, quando se interessavam por diferentes exércitos, mas também quando lutavam em sua própria defesa contra os titãs e os gigantes. Tais contos, da maior loucura e leviandade, são contados e acreditados com estupidez implícita.

No entanto, repudiando tais fábulas com desprezo, a Divindade se difunde por todas as partes da Natureza: nos sólidos, sob o nome de Ceres; nos líquidos, sob o nome de Netuno; em outros lugares, sob nomes diferentes. Mas quaisquer que sejam os deuses, quaisquer que sejam os seus

## RELIGIO

caracteres e disposições, e quaisquer que sejam os nomes que lhes são dados pelo costume, devemos reverenciá-los e adorá-los.

A adoração mais nobre, mais casta, mais piedosa e santa dos deuses é reverenciá-los sempre com uma mente e uma voz puras, sinceras e imaculadas; nossos ancestrais, assim como os filósofos, separaram a superstição da religião. Aqueles que rezavam dias inteiros e sacrificavam-se para que seus filhos sobrevivessem a eles eram chamados de supersticiosos, uma palavra que mais tarde se tornou mais geral; mas aqueles que seguiam diligentemente e, por assim dizer, liam e praticavam continuamente todos os deveres pertencentes à adoração dos deuses eram chamados de *religiosi*, religiosos, da palavra *relegendo*, que significa ler novamente ou praticar; [uma derivação] como *elegantes*, elegantes, que significa escolher, selecionar uma boa escolha, ou como *diligentes*, diligentes, seguindo cuidadosamente nossa seleção; ou como *intelligentes*, inteligentes, de compreender: pois todos esses significados são derivados da mesma raiz. Assim são entendidas as palavras superstição e religião: a primeira sendo um termo de opróbrio, a segunda de honra...

Declaro, então, que o Universo em todas as suas partes foi construído em sua origem e, desde então, sem qualquer interrupção, tem sido dirigido pela providência dos deuses. [*De natura deorum*, Livro II, sec. xxviii.]”